

A MECENAS DE JAMES JOYCE

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE e SÉRGIO MEDEIROS

A tímida Harriet Shaw Weaver (1876-1961), então com 37 anos e envolvida com literatura em língua inglesa, foi uma das responsáveis pela publicação, em 1913, na ousada revista *The Egoist*, de episódios do romance *Retrato do artista quando jovem* (1916), de James Joyce (1882-1941), pagando-lhe 50 libras pelo uso de “seu maravilhoso livro”. Quando Joyce lhe perguntou, tempos depois, se ela não teria um pouco de sangue irlandês, a editora de *The Egoist* respondeu: “Receio ser irremediavelmente inglesa”. Embora tivesse aderido ao feminismo e depois ao comunismo, a srta. Weaver era, nas palavras de Virginia Woolf, uma mulher antiquada nos modos e nos trajés, em aparente contradição com suas convicções de vanguarda. Enquanto procurava um editor na Inglaterra para o romance *Ulisses*, a srta. Weaver visitou Leonard e Virginia Woolf, com a esperança de que a Hogarth Press, que ambos haviam fundado recentemente, o publicasse. No seu diário, a romancista destacou a aparência incongruente da srta. Weaver, descrevendo-a como uma missionária toda abotoada de luvas de lã cuja causa era um livro “carregado de indecências”.

Aos poucos a srta. Weaver foi se revelando como mais do que somente uma boa “missionária”. Por meio de seus advogados, destinou anonimamente a Joyce 200 libras, como doação espontânea, as quais deveriam lhe ser entregues em quatro parcelas. Joyce conjecturou inicialmente que o seu benfeitor pudesse ser um homem, conforme deixou expresso na carta que lhe enviou, datada de 6 de março de 1917. Essa carta está traduzida na íntegra abaixo, e nela se verifica a ojeriza habitual de Joyce a usar vírgulas, a par da franqueza e da espontaneidade que dão ao leitor a impressão de que foi escrita de um jato e não passou por correções. O mesmo estilo reaparece na segunda carta traduzida, datada de 20 de julho de 1919, quando a identidade da misteriosa benfeitora havia enfim se revelado. Inicialmente, foram os advogados da

srta. Weaver que entraram em contato com o escritor, então residindo em Zurique. Na segunda carta, escrita dois anos depois da primeira, Joyce reclama do desinteresse desses mesmos advogados, mas nesse ponto da correspondência o leitor deparará com um desabafo que não lhe permitirá uma verdadeira compreensão de toda a situação a que se refere Joyce num tom lamurioso. O que fica claro, nessa segunda carta, é que a srta. Weaver não respondeu bem ao episódio *Sereias*. Na biografia de Joyce escrita por Richard Ellmann^[1] lemos o que ela disse por carta ao autor de *Ulisses*: “O sr. Pound me enviou o episódio *Sereias* há pouco tempo. Penso poder ver que seu texto tem sido até certo ponto afetado por suas preocupações; quero dizer que o episódio não me parece atingir a culminância habitual de intensidade”. Mas essa opinião morna de maneira nenhuma significou, como chegou a temer Joyce, uma diminuição do empenho de sua benfeitora em facilitar a sua vida em todos os sentidos possíveis. A respeito de outro episódio do romance, que lhe foi enviado depois, a opinião da srta. Weaver foi, desta vez, muito entusiasmada, e ela ainda alertou Joyce em nova carta: “Preciso pedir-lhe mais uma vez que não preste a menor atenção a qualquer comentário tolo que eu possa fazer – que realmente devo deixar de fazer, se puder”.

Ao chamá-la de “mulher extraordinária”, Richard Ellmann afirma que a “generosidade da srta. Weaver continuou pelo resto da vida de Joyce, e mesmo depois, pois ela pagou por seu funeral.” Quando Joyce escrevia *Finnegans Wake*, para garantir a calma necessária para finalizar essa obra capital, não teve escolha senão enviar a Londres a sua filha Lucia Joyce, que sofria de sério desequilíbrio mental. A srta. Weaver a hospedou em casa, apesar de seu comportamento imprevisível (Lucia a via ora como amiga, ora como uma carcereira^[2]), e, como aconteceu em outras vezes, fez esse favor ao grande romancista sem nenhuma exigência, pois não esperava dele recompensas: desejava apenas que ele finalizasse a sua obra.

As cartas de Joyce para Harriet Shaw Weaver estão dispersas nos três volumes do livro *Letters of James Joyce* (Nova York: The Viking Press, 1957-1966) e num volume mais recente, *Selected letters of James Joyce* (Nova York: The Viking Press, 1975), que é uma seleção do conteúdo dos três outros com alguns acréscimos, todos editados por Richard Ellmann.

A primeira carta aqui traduzida, que foi a primeira enviada por Joyce à sua “secreta benfeitora”, só consta de *Selected letters of James Joyce*. Também a segunda carta que traduzimos, embora apareça no primeiro volume de *Letters of James Joyce*, está ali incompleta; a versão completa integra somente o volume de 1975. Essa carta, numa versão incompleta, aparece na tradução brasileira da biografia *James Joyce*, de Richard Ellmann.

[1] RICHARD ELLMANN. *James Joyce*. São Paulo, Globo, 1989. (Também consultamos: RICHARD ELLMANN. *James Joyce*. Nova York, Londres e Toronto, Oxford University Press, 1965.)

[2] CAROL LOEB SHLOSS. *Lucia Joyce: to dance in the Wake*. New York, Farrar, Straus and Giroux, 2003.

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE e SÉRGIO MEDEIROS, ambos professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), organizaram e traduziram *Cartas a Nora*, de James Joyce (Iluminuras, 2012), finalista do Prêmio Jabuti em 2013 na categoria Tradução. Preparam no momento a edição em português, a sair pela Iluminuras, das cartas que James Joyce escreveu para Harriet Weaver.
